



Nuno Melo Alves

Lutar pela Liberdade é nobre; é honroso; um sacrifício digno, pelos outros. Sacrifício esse que não se pode desvalorizar ou vulgarizar. Parte da luta pela Liberdade passa por assegurá-la através de regimes políticos democráticos; quem luta pela Democracia luta pela Liberdade. Celebrar as conquistas da Democracia e a da Liberdade não é única forma de as valorizarmos: às vezes, é a forma de as desrespeitarmos.

A Liberdade não se honra especialmente (ou apenas) com hinos, paradas, desfiles, ou comemorações solenes. Honra-se, sobretudo, preservando-a no dia a dia e estando à altura da responsabilidade que encerra e exige. Uma sessão comemorativa do 25 de Abril na Assembleia da República, nos tempos atuais, é o maior desrespeito pela Democracia e pela Liberdade que se pode ter. É um sinal de ligeireza que se dá aos portugueses. É um inequívoco desrespeito para com os sacrifícios dos portugueses.

A Liberdade vive-se e honra-se quando alguém respeita a Democracia que a defende. Celebra-se quando, pacífica e ordeiramente, um Povo aceita por correta a decisão de se fechar o País. De se fechar a economia, comprometendo o rendimento de quem ainda trabalha e catapultando as empresas e os trabalhadores para uma crise económica e de desemprego como nunca se viu. De fechar as escolas,

A traição

comprometendo um ano letivo, o acesso às universidades, ao mercado de trabalho – ao que sobrar. De se proibir os ajuntamentos com mais que cinco pessoas. De se encerrar a religião coletiva. De se causarem consequências muito para além do prazo em que estarão em vigor os sucessivos estados de emergência.

Aceitar as decisões dos órgãos democráticos de privar a Liberdade em circunstâncias excecionais revela uma cidadania exemplar e, diga-se de passagem, um respeito pelas difíceis decisões tomadas na defesa da saúde pública e, ainda, uma enorme confiança em quem as tomou. E, ainda, revela que se acredita no funcionamento da Democracia.

É um insulto a todos os que em Democracia obedecem e sujeitam-se à perda de liberdades – porque entendem que o bem maior assim o exige, porque sabem que o bom senso assim o reclama e porque esperam que seja temporário – dar mais valor a uma fantochada de uma celebração, do que devolver um pouco de respeito (e mostrar gratidão) aos portugueses pela forma como se têm comportado desde que o vírus entrou nas suas vidas. E agrava esse insulto o fato de ser cometido precisamente por aqueles que têm democraticamente imposto as restrições à Liberdade dos portugueses.

Pior do que isso, do que teimar que o 25 de Abril é mais

importante que a própria Liberdade que dizem que evoca, é o permitir no dia 1 de maio, (por honra do 1 de Maio) manifestações e celebrações com ajuntamentos de pessoas. E, ainda por cima, com o cinismo de se dizer que terão que manter a distância social recomendada... Andam os portugueses isolados em casa; fechados com cercas sanitárias; famílias separadas porque não se pode fazer viagens de avião; sem pudermos enterrar os mortos condignamente; sem pudermos visitar os doentes; afastados das famílias para pudermos trabalhar em atividades essenciais (saúde, segurança, etc.), sem se contagiarem ou contagiarem outros; sem poder visitar os seus familiares nem os seus idosos; sem poderem ter o conforto espiritual de praticarem a sua fé como deveriam; sem pudermos trabalhar ou estudar, etc., etc., etc. Todos estes sacrifícios, estoicamente assumidos, para depois, por laivos que ninguém compreende, as mesmas instituições democráticas que impõem o estado de emergência e as restrições decidirem que naquele dia se pode “manifestar”. ... Haja respeito e haja juízo.

Comemorar a mudança de uma ditadura para um sistema político Democrático, que assegure a Liberdade? Claro que sim! Mas não a todo o custo. Fazer essa comemoração – nos moldes propostos, nesta fase e nestes tempos –, é pérfido. É uma traição à Democracia. E à Liberdade.



Chryst Chrystello*

Um abril amordaçado nesta prisão sem grades

Custa-me este ano mais do que nunca que abril continue por se concretizar, que este país esteja cheio de fachos, de corruptos, de banqueiros e outros ladrões que nunca cumpriram pena nem devolveram à nação os milhões que roubaram, custa-me que a justiça, equidade, e democracia participativa se tenham esfumado em esquemas de partidos que apenas pensam nos votos e na sua manutenção no poder, de forma tão dinástica como a monarquia, custa-me ver as novas e velhas gerações afastadas das mesas de voto e que a res publica não seja preocupação de ninguém, mas de uns poucos que nada mandam e apenas podem sonhar como eu sonhei em 1974... Lamento que os senhores da política possam celebrar como querem o 25 de abril, e eu que serei sempre um homem de abril nos atos e factos terei de ficar confinado. Mais pessoas ainda haverá capazes de usarem o poder político para melhorar a vida dos que obedecem e calam, e fazer deles seres informados, capazes de interpretar, discursar e debater o que é melhor, com base na criatividade de uma educação que os torne em seres pensantes e não em carneiros seguidores de manipuladores sem escrúpulos. Pessoas capazes de pensarem, como cidadãos europeus, na relevância de votarem dia 26 de maio em vez de se absterem como vai acontecer a uma maioria esmagadora da população portuguesa, em especial nos Açores. 25 de Abril Sempre!

1974: Embora Timor não dispusesse de telex, desde o ano anterior dispunha já de contactos radiotelefónicos com o mundo exterior. Assim, quando a Revolução dos Cravos aconteceu em 25 de Abril houve quem recebesse a notícia via telefone...

Estava em Dili, Timor, na noite de 25 de abril 1974. Leio o que escrevi no meu livro Timor-Leste dos-ier secreto 1973-1975 (Ed. Contemporânea, 1999). Era hora de jan-

tar e eu estava de Oficial (Ajudante) de Dia no Quartel-general. O idoso Oficial de Dia já estava há muito a olhar para o seu umbigo, depois da sua rodada habitual. Tony Belo, operador da Telecom local, a Rádio Marconi, ligou a dizer que o autor ia ter uma chamada telefónica uma hora depois. Chamei o condutor de serviço para ligar o Jeep e passados quinze minutos estava em Dili, ansiosamente esperando ‘a chamada’. Pressenti tratar-se de algo muito importante, pois já concordara com a família que só haveria telefonemas em caso de emergência. Já há muito que confirmara que toda a correspondência era sujeita a censura prévia e as chamadas gravadas. Sem perder tempo, pedi ao condutor para passar por casa, onde comuniquéi aos colegas de habitação (o cirurgião Prata Dias e Proença de Oliveira, um dos chefes da Repartição dos Serviços de Agricultura) o que ouvira. Pedi-lhes o máximo sigilo, liguei a rádio de ‘ondas curtas’ e regresssei ao Q.G. onde anotei no relatório que nada havia a assinalar da ‘ronda’ pela cidade. Durante o resto da noite, escutei avidamente os noticiários da BBC, Rádio Austrália e toda uma série de emissoras (até ouvi a Rádio Paquistão, pela primeira vez). Na manhã seguinte, o camarada Freitas, que me ia render, pergunta se havia novidades de Portugal. Sem confiar em ninguém depois do que se passara com a controvérsia no jornal no mês anterior, respondi: “Nada, que esperavas?”

Os dias que se seguem são caóticos, Do dia para a noite todos são revolucionários. Começam a tomar vulto os rumores Estes boatos confundem muita gente, .., com os militares definitivamente divididos entre os progressistas - na sua maioria oficiais milicianos, furriéis e sargentos - e a velha guarda dos oficiais de carreira.

Entretanto em Portugal, os soldados usam os cravos encarnados nos canos das suas espingardas. O povo anda excitado com a liberdade acabada de aprender. Sobem os ba-

rómetros da esperança depois de 48 anos de obscurantismo. A situação começa a clarificar-se em maio, embora nem todos os decretos aprovados em Lisboa se tornem extensivos a Dili. ... A celebrada vitória vem estampada em todos os jornais e revistas que chegam a Timor, mas de uma certa forma, parece estar a anos-luz de Timor.

Depois do 25 de Abril (data da Revolução dos Cravos em Portugal) comecei a publicar artigos que o Comando Militar e, em especial o CEM (Chefe do Estado-Maior Arnao Metello) queriam evitar. Começara a ser chamado todas as manhãs ao CEM que simpaticamente mandava o seu motorista no velho Volkswagen do Estado-Maior buscar-me a casa. Nessa rotina lá tinha de explicar porque publicara artigos censurados e considerados material proibido. Esta rotina prolongou-se por bastante tempo e trouxe consequências ao meu serviço militar. Uma verdadeira caça ou o jogo do gato e do rato.

Como antimilitarista, ferrenho e empedernido, que sempre fui e recordando que fui obrigado a ir para fora defender um Império que já não existia e que, a mim, nada dizia, tenho de admitir que de nada me envergonho nesses anos, em que agi de acordo com a minha consciência, com a minha ação anticolonial como melhor forma de servir a dita “pátria” (segundo Ramos Horta eu era um oficial anticolonialista (*in Expresso* em 28/11/2015))

Hoje, os meus cravos murcharam e a esperança em dias melhores ficou perdida na memória daquele longínquo dia, a revolução está cada vez mais longínqua das ruas e das mentes carneiristas que nos regem e a poesia é a única arma que me resta.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 [Australian Journalists' Association MEAA]